

Sobre trauma, poesia e políticas da memória

Entrevista com Lucíola Freitas de Macêdo¹

Mariana Vidigal: Quem foi Primo Levi e o que a levou a escrever uma tese sobre ele?

Lucíola Macêdo: Primo Levi, químico de formação, tornou-se escritor a partir do testemunho da própria experiência de deportação e confinamento no campo de extermínio de Auschwitz. Escreveu romances, ensaios, contos, poesias, adaptações para o teatro, foi tradutor e articulista regular do jornal *La Stampa* por quase três décadas. Em que pesem a diversidade e a versatilidade quanto à forma, no nível do conteúdo, o campo de concentração foi o motor e eixo principal em torno do qual sua produção literária veio à luz.

Aos 24 anos, o jovem Levi foi detido pela milícia fascista junto a um grupo de estudantes ligados ao movimento antifascista "*Giustizia e libertà*". Em janeiro de 1944, foi enviado para o Campo de trânsito de Fossoli, local onde eram confinadas pessoas pertencentes a vários agrupamentos não gratos ao governo fascista italiano, para serem em seguida deportadas. Com a derrota alemã, os raros sobreviventes - entre eles, Primo Levi - foram enviados para Kantowice, um campo soviético localizado na Polônia, onde Levi conheceu o médico Leonardo De Benedetti, com quem redigiu a pedido do comando russo, seu primeiro escrito sobre os campos de concentração nazistas, o "Relatório sobre a organização higiênico sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz"², publicado no Brasil pela Companhia das Letras.

Ao chegar a Turim, em 19 de outubro de 1945, redigiu o mundialmente conhecido, *É isto um homem?*³. Ao mesmo tempo, retomava o seu trabalho como químico em uma fábrica de vernizes nos arredores de Turim. Havia a opacidade da abominável experiência que levara Primo Levi à escrita, mas sua escrita não se prestava a recobrir ou tentar suprimir o que seu incansável labor não conseguiria jamais traduzir em palavras. Fosse o impossível de dizer vazio ou pleno, lacunar ou sem fissuras, era preciso dar-lhe voz, ainda que não fosse possível explicá-lo.

O que me levou a escrever uma tese sobre Primo Levi é a história feita de fragmentos costurados entre generosos intervalos de tempo. O encontro com a chamada "Literatura de testemunho", especialmente no que concerne às narrativas escritas no contexto da Segunda Guerra Mundial e do nazismo, não deixa de ter relação com os assuntos de família. Desde criança, eu gostava de visitar as estantes de meu avô, apinhada de livros sobre política e história do Brasil. Sempre que passava os olhos por aquela diversidade de títulos, me deparava com alguns volumes escritos por meu bisavô, médico, oficial do exército que foi, entre 1938 e 1943, já que ocupava o cargo de chefe de polícia do Rio Grande do Sul, incumbido de conduzir investigações sobre células do Partido Nacional Socialista naquele estado, a fim de desarticular agenciamentos e redes de cooptação nazistas na região. Naquela época, ele redigiu e sistematizou os resultados dessas investigações sob a forma de relatórios secretos, os quais, uma vez tornados públicos, figuram ainda hoje como referências de inestimável valor histórico e documental: *O nazismo no Rio Grande do Sul*⁴; *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração Nazi no Rio Grande do Sul*⁵; *O movimento dos alemães livres na América do Sul*⁶. Este último é um estudo do panorama internacional dos chamados "movimentos livres alemães" na América do Sul, trazendo testemunhos de participantes -

chamados pelo autor de "observadores" - do "Congresso Antinazista dos Alemães Livres", que congregara diferentes movimentos antinazistas liderados por alemães, realizado em Montevidéu de 29 e 31 de janeiro de 1943.

Nos tempos de juventude, havia passado os olhos por esses títulos sem jamais tê-los lido, até que me deparei novamente, de uma maneira pungente, com esses significantes na vida e em análise em curso, naquele momento.

Meu primeiro contato com a escrita de Primo Levi, e também com a língua italiana, deu-se na adolescência. O impacto e a angústia provocados por aquelas linhas, levou-me a fechar rapidamente o livro e a devolvê-lo à biblioteca do *Liceo Científico* em que estudava, nem bem havia começado a leitura. Somente algumas décadas mais tarde, já no doutorado, voltei aos escritos de Levi. Se no projeto inicial havia proposto uma interlocução entre o testemunho na psicanálise e na política, tema sobre o qual redigi os primeiros artigos relacionados ao tema da tese, no meio do caminho deu-se um encontro arrebatador com a narrativa testemunhal de Primo Levi: não poderia escrever sobre outra coisa.

Mariana Vidigal: Em seu livro *Primo Levi, a escrita do trauma*⁷, você parte da escrita de Primo Levi, para pensar a relação entre trauma e escrita. Como é possível testemunhar e escrever sobre aquilo que traz, sobretudo, a marca do indizível?

Lucíola Macêdo: Dizer, escrever sobre as marcas do indizível poderá aproximar, neste aspecto específico, o testemunho de Primo Levi dos testemunhos de passe, em psicanálise. No caso de Levi, seus escritos foram sua maneira de dar voz ao que, por sua proximidade ao real, não cabia em palavras. Em seus testemunhos, ele se serviu de alguns recursos de linguagem que lhe permitiram bordejar o que se apresentava como impossível de dizer.

A figura de linguagem mais presente em sua obra é o oximoro, em que se combinam palavras de sentido oposto que tendem a se excluírem mutuamente. Percorrendo seus testemunhos, em *A tabela periódica*⁸, como também seu modo peculiar de narrar, os fragmentos de sua vida, associando-os aos elementos químicos e, sobretudo, a sua poesia, deixo-me conta de que a noção de "zona cinzenta", elevada posteriormente ao estatuto de conceito, constituiu-se como uma espécie de síntese maximal e concentrada, de grão duro do testemunho de Levi, em seu incansável trabalho de perfurar as camadas da linguagem para encontrar, na poesia, o impulso mais genuíno daquilo que viria a se expressar e se elaborar por meio de sua prosa testemunhal e de seus contos. A gênese do conceito de zona cinzenta encontra suas raízes justamente na poesia, e em especial no recurso ao oximoro, ao indexar o problema sem solução que é o campo de concentração.

Mas é possível ler nas entrelinhas de seu texto que, se ao nível do conceito, as raízes do oximoro se estabilizam por meio dos paroxismos, a zona cinzenta enquanto experiência consiste num choque violento, numa implosão dos polos em insolúvel oposição (vida/morte; submerso/salvo; vítima/algoz). Seus estilhaços, ou como costumamos nomear, seus pedaços de real, trazem consigo uma opacidade que não pode ser totalmente assimilada ou transformada em narrativa: "Hoje, sei que é uma ação sem esperança revestir um homem de palavras, fazê-lo reviver numa página escrita"⁹.

Em resenha que escreveu para o Jornal *O Globo*, José Castello afirma que *Primo Levi, a escrita do trauma* trata, entre outras coisas, "do narrar o que não suporta narrativas"¹⁰, deslindando os recursos utilizados por Levi em sua escrita, em seu trabalho de forjar bordas para o inominável.

Tais recursos são a escrita breve, por fragmentos, que se caracteriza por uma montagem/desmontagem de micropeças narrativas, por uma ausência de cronologia, e por atos de fala ao invés vez de explicações causais, que muito frequentemente acabam por incorrer na obscenidade ou no entendimento fechado, totalizante. A primazia da mostração em detrimento da representação, na qual o leitor não encontrará um fio narrativo contínuo, mas o suceder de episódios cuja força expressiva máxima dá-se a ver através dos pormenores. Isso permite que o narrador mostre mais que explique, acionando, através dos pormenores, um poderoso mecanismo no qual cada breve fragmento diz de sua positividade intrínseca, evocando não sentidos fechados, causais, explicativos, mas uma centelha de sentido e ao mesmo tempo sua ausência, o que remete à lacuna, à incompletude. Há ainda o recurso à nomeação, pois através do forçamento implicado na tentativa de nomear as marcas do horror, ele urde languageiramente, lugares para o inominável, ainda que neste exercício se esbarre com o que extrapola a narrativa, evidenciando o choque entre linguagem e furo, com seu resíduo inassimilável. O testemunho é justamente isso que se constitui nesse espaço entre a narrativa e aquilo que a desborda e ultrapassa.

Levi constituiu para si o que chamou de um "dever de memória"¹¹. Testemunhando, dá-se conta que de que seu testemunho não se confunde com a descrição do que viveu. Não é possível recuperar, através dos signos, a forma intacta dos acontecimentos vividos, nem há como fazer coincidir o tempo vivido com aquele revivido, reconstituído pela memória através da linguagem. Não apenas isso, ele parece dar-se conta, com a escrita dos primeiros poemas, que aquilo que interrompe, corta e fragmenta a narrativa, testemunha mais que o esforço de uma minuciosa descrição dos fatos. O testemunho como prática discursiva não poderá

jamais se fundar em um relato totalizador do acontecimento traumático.

Mariana Vidigal: Você afirma que o testemunho de Levi "se situa entre a extrema necessidade de falar e a impossibilidade de reparação ou retratação em relação ao que aconteceu"¹². Como as noções de verdade e trauma, em psicanálise, poderiam contribuir para a construção de políticas de memória e reparação, uma das propostas da Comissão de Anistia no Brasil¹³?

Lucíola Macêdo: O "dever de memória", problema tão caro a Levi, será o fio condutor para adentrar essa questão. Primeiro vamos ao par memória-reparação, que nos leva inevitavelmente a evocar situações atroz, como as do aniquilamento e da tortura, nas quais as manifestações da pulsão de morte, como pura pulsão de destruição, destituem o humano de todo e qualquer traço de humanidade. Nessas situações extremas, o que é reparável, e o que não o é?

Para abordar essa questão é preciso levar em conta que os planos da política, da cultura, e da clínica são permeáveis às interfaces, mas não são homogêneos, e têm suas especificidades. Então quando falamos de "construção de políticas de memória e reparação", estamos tratando de um campo específico, que não deve ser confundido com os demais. Nesses tempos de recrudescimento das normas e de retorno de práticas e movimentos políticos de vocação totalitária, esses lugares onde inscrever e engendrar bordas simbólicas para os traumas coletivos são da maior importância.

No caso de Levi, o "dever de memória" tinha por um lado, um viés eminentemente político, e por outro, um veio declaradamente freudiano. Narrar era preciso, pois a linguagem lhe vinha como o único recurso capaz de fragmentar a petrificação do horror, de incidir sobre a paralização da vida psíquica. Levi, leitor de Freud, conhecia bem a lição de "Moisés e o monoteísmo"¹⁴, trabalho

em que Freud aplica o modelo temporal da instalação do sintoma neurótico (acontecimento traumático - recalçamento/defesa - período de latência - retorno do recalçado) à história do povo judeu. Levi acreditava, com Freud, que ao nível da história da humanidade, o que era rechaçado, silenciado, apagado, ou seja, o que não fosse minimamente *perlaborado* e o que não pudesse ser recordado, certamente se repetiriam com suas marcas indelévels e seus efeitos nefastos, pois na impossibilidade de recordar, tende-se a repetir - temática retomada por Levi com fino humor e mordaz ironia em seus volumes de contos, "Histórias Naturais e Vício de Forma"¹⁵. Isso foi justamente o que o levou a dedicar os últimos dez anos de sua vida à escrita de um conjunto de ensaios, talvez os mais pungentes, reunidos em seu último livro publicado em vida, *Os afogados e os sobreviventes*¹⁶, que saiu pela editora Einaudi, em 1986. Temos nesse período (estamos nos anos 1970-1980), um retorno das teses revisionistas e negacionistas na Europa, que se obstinavam em construir uma verdade de conveniência, reduzindo as dimensões, e mesmo negando as atrocidades cometidas pelo Terceiro Reich. Esse movimento o afetou imensamente, e levou Primo Levi a se manifestar publicamente, em numerosas ocasiões, em suas falas, ensaios e artigos para jornais. Isso o atingiu em suas cicatrizes, pois reverberava as artimanhas propagandísticas e retóricas dos tempos de guerra.

Vale ressaltar que o movimento de apagamento da memória e dos vestígios do genocídio levado a cabo pelo nazismo sempre esteve no horizonte da história, desde os primeiros anos do após guerra: se por um lado o chamado processo de "desnazificação" da Alemanha, por meio do qual os criminosos de guerra eram capturados, processados e julgados, corria a passos lentos, por outro, a fuga em massa da cúpula do Terceiro Reich encontrou, no rechaço norte-americano à chamada "ameaça comunista" e com o

incremento da guerra-fria, um terreno fértil para a formação de uma rede internacional de fuga de nazistas para a América do Sul, a chamada "ratline" (linha dos ratos). Não foram poucos os carrascos que vieram reconstruir suas vidas na América do Sul, notadamente na Argentina, seu destino preferido, mas também no Paraguai, Bolívia, Chile e Brasil, ou seja, em países onde regimes ditatoriais ditavam as regras do jogo. Entre os mais notórios, Walter Rauff, o inventor das câmaras de gás, Klaus Barbie, o açougueiro de Lion, Joseph Menguele, o anjo da Morte, Franz Stangl, comandante de Treblinka, Gustav Wagner, a besta de Sobibor e Adolf Eichman, o burocrata do Holocausto¹⁷.

No âmbito da clínica, por sua vez, estamos diante do real do trauma como *troumatisme*, e sabemos que o que daí advém não é exatamente o horizonte da reparação, mas justo o que insiste, reitera e se apresenta como irreparável. O trabalho com a palavra sob transferência permite instaurar um antes e um depois onde antes só havia o horror, favorecendo a constituição de bordas e amarrações para que o irreparável não se alastre por todos os espaços do corpo e da vida. Se a dimensão do horror é capaz de fixar o sujeito à eternização de um instante que jamais se tornaria passado, o trabalho analítico poderá se constituir como uma chance de inscrição de uma temporalidade, para que se possa seguir vivendo. Isso não diminui em nada a importância das ações cabíveis nos campos da política e da cultura que visam à constituição de lugares de inscrição para os traumas coletivos, pois se trata de constituir lugares de discurso que sem dúvida podem favorecer a constituição de bordas e amarrações para os sujeitos em sua singularidade, um por um.

O último ensaio escrito por Primo Levi e publicado no jornal *La Stampa*, em janeiro de 1987, poucos meses antes de sua queda no vazio do vão de seu apartamento - o qual muitos, desde o Instituto Médico Legal, até a mídia,

consagraram à causa de um suicídio -, chama-se sugestivamente "Il buco nero de Auschwitz"¹⁸. Nesse artigo, o escritor responde duramente às teorias revisionistas alemãs e francesas de então, em suas insistentes tentativas de negar os horrores e a real dimensão do massacre nazista.

Sabemos que a negação do trauma há de ser tão ou mais dilacerante que a própria experiência traumática. A negação dos fatos, o apagamento das marcas deixadas pelos acontecimentos, mantém ativos os sintomas provenientes do sofrimento psíquico. O testemunho e sua inscrição na cultura são recursos que permitem dar ao que aconteceu um lugar no Outro, sem o qual toda a carga de angústia que acompanha o sobrevivente e seus descendentes tende a ficar à deriva, a se perpetuar em uma busca incessante e sem fim de lugares de inscrição.

¹ A primeira versão desta entrevista foi realizada pelo site da EBP-MG Minas com Lacan, em 3/11/2016, por Mariana Vidigal. A entrevista foi publicada em uma seção temporária e já não se encontra acessível por este meio. A versão que ora se publica em *Opção Lacaniana online* foi revisada e ampliada pela autora.

² LEVI, P. & De Benedetti, L. (2015). "Relatório sobre a organização higiênico sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz". In: *Assim foi Auschwitz: Testemunhos 1945-1986*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 11-14.

³ LEVI, P. (1988). *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco.

⁴ PY, A. S. (1940). *O nazismo no Rio Grande do Sul*, vol. 1. Porto Alegre. (Inédito) e PY, A. S. (1941). *O nazismo no Rio Grande do Sul*, vol. 2. Porto Alegre. (Inédito).

⁵ IDEM. (1942). *5ª Coluna no Brasil: a conspiração Nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo.

⁶ IDEM. (1943). *O movimento dos alemães livres na América do Sul*. Porto Alegre. (Inédito).

⁷ MECÊDO, L. F. (2014). *Primo Levi: a escrita do trauma*. Rio de Janeiro: Subversos.

⁸ LEVI, P. (1994). *A tabela periódica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

⁹ IDEM. *Ibid.*, p. 54.

¹⁰ CASTELLO, J. (jan. 2015). "Escrita do indizível". In: *Jornal o Globo*. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/jose-castello/post/escrita-do-indizivel-557483.html>.

¹¹ LEVI, P. (2010). *O dever de memória, entrevista com Anna Bravo e Frederico Cereja*. Lisboa: Cotovia.

¹² MECÊDO, L. F. (2014). *Primo Levi: a escrita do trauma*. Op. cit., p. 109.

¹³ Disponível em: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/anistia/projetos>.

¹⁴ FREUD, S. (1996/1939[1934-1938]). "Moisés e o monoteísmo. Três ensaios". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

¹⁵ LEVI, P. (2005). *71 contos de Primo Levi*. São Paulo: Companhia das Letras.

¹⁶ IDEM. (2004). *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra.

¹⁷ GUTERMAN, M. (2016). *Nazistas entre nós*. São Paulo: Contexto.

¹⁸ LEVI, P. (1997). "Il buco nerodi Auschwitz". In: *Opere II*. Torino: Einaudi, pp. 1347-1350.